

A BASE ÉTICA DA FILOSOFIA DE KARL POPPER

*Paulo Eduardo de Oliveira**

RESUMO

Este artigo tem a intenção de apresentar o conceito de *base ética* como uma nova categoria de leitura da filosofia de Karl Popper. Neste sentido, a admissão de que existe uma preocupação moral do filósofo, anterior às suas elaborações epistemológicas e políticas, permite-nos superar o dualismo que muitas vezes é atribuído à obra popperiana: para muitos intérpretes e leitores, a filosofia de Popper se divide em uma epistemologia e em uma filosofia política ou social, cujos conceitos são mais ou menos assemelhados. Em nossa opinião, tal visão é simplista e conduz a uma interpretação superficial do racionalismo crítico. Ao contrário, admitindo-se o conceito de *base ética*, supera-se a leitura simplista, o que permite compreender a filosofia de Popper em todo seu alcance e fecundidade.

Palavras-Chave: Racionalismo crítico. Ética. Epistemologia. Sociedade aberta.

ABSTRACT

This article aims to introduce the concept of the ethics basis as a new reading category of Karl Popper's philosophy. Thus, the belief that there is a moral concern of the philosopher, previous to his epistemological and political elaborations, allow us to overwhelm the dualism that many times is attributed to the popperian work: for many interpreters and readers, Popper's philosophy is divided in epistemology and political or social philosophy, whose concepts are a little alike. In our opinion, such view is simplistic and lead to a shallow interpretation of the critical rationalism. On the contrary, admitting the concept of the ethics basis, the simplistic reading is overwhelmed, what allows to understand the Popper's philosophy in all the scope and productivity.

Key Words: Critical rationalism. Ethics. Epistemology. Open society.

* Doutor em Filosofia pela PUC-SP. Professor da Pontifícia Universidade Católica do Paraná. E-mail: oliveira.p@pucpr.br.

Considerações iniciais

Algumas propostas de leitura da obra de Karl Popper sugerem a existência de dois distintos âmbitos de reflexão: o da epistemologia, destacado, sobretudo, pela publicação de *A Lógica da Pesquisa Científica* e o da política, marcado pela obra *A sociedade aberta e seus inimigos*. Em nosso modo de ler os textos de Popper, cremos que se deve superar esta tendência a dualizar sua obra. Para tanto, é possível, através do conceito de *base ética*, compreender qual é o eixo de unidade do racionalismo crítico.

Esta nova abordagem corresponde a recentes estudos desenvolvidos principalmente por Mariano Artigas e Gabriel Zanotti, aos quais nos referimos ao longo deste trabalho. Trata-se de uma forma original de compreender a filosofia popperiana e suas implicações éticas.

As origens do racionalismo crítico

A filosofia de Karl Popper é muitas vezes denominada, simplesmente, pela expressão *racionalismo crítico*. O conceito de *racionalismo crítico* foi cunhado pelo próprio filósofo e utilizado pela primeira vez no texto *A sociedade aberta e seus inimigos*, de 1945. No capítulo 24 desta obra, cujo título é *A Filosofia Oracular e a Revolta contra a Razão*, ele se dedica, exaustivamente, à explicitação do conceito e ali, surpreendentemente, Popper já se refere à noção de “base ética da ciência e do racionalismo” (POPPER, 1974b, p. 246). Ali também se assenta uma das idéias-chave para a compreensão do pensamento de Sir Karl: ao apresentar o que ele mesmo entende por *racionalismo crítico*, Popper afirma que se trata antes de uma *atitude* do que de um conceito ou de uma teoria. É sobre esta chave de leitura que queremos refletir. De início, o simples uso da palavra *atitude* já denota a intenção do filósofo, expressa de modo subliminar em alguns textos e, em outros, de modo explícito. O significado dessa alternância entre explicitação e ocultamento é tema que deve ser ainda mais estudado. Sobretudo a partir das considerações de estudiosos da obra popperiana como Mariano Artigas e Hubert Kiesewetter, para quem a raiz ética do pensamento de Popper não pode ser desconsiderada, sob pena de se interpretar de modo equivocado as suas principais linhas e as suas mais radicais posições.

A atenção dada ao conceito de *atitude* não é mera opção interpretativa entre outras possíveis perspectivas de análise do racionalismo crítico. Ao contrário, este enfoque é fundamental para a compreensão do sentido mais original da filosofia de Popper. Assim, como queremos demonstrar, ao menos em seus traços iniciais, a compreensão da intenção de Popper ao usar o conceito de *atitude*, em referência à sua filosofia, é extremamente significativo para a análise do racionalismo crítico, de suas aplicações e de suas conseqüências.

Logo nas primeiras linhas do mesmo capítulo 24, afirma: “O conflito entre o racionalismo e o irracionalismo se tornou o mais importante problema intelectual, e talvez mesmo moral, de nosso tempo” (POPPER, 1974b, p.231). Parece evidente, desde já, a relação que Popper estabelece entre racionalidade e ética. Ele dá a entender claramente que não considera as questões referentes ao racionalismo e ao irracionalismo um problema de ordem estritamente intelectual, ou acadêmica, restrito apenas aos âmbitos científicos e filosóficos. Para ele, a questão é também de ordem moral, ou seja, está diretamente ligada ao modo de nosso agir no mundo, em vista da *construção de um mundo melhor*, como Popper irá repetir em muitas ocasiões. Esta expressão, tão cara a Popper, vai se constituir no título de uma de suas últimas obras (POPPER, 1994), na qual a dimensão ética de sua filosofia aparece de modo totalmente explícito. A análise detalhada da vida do filósofo irá mostrar que o anseio pela construção de um mundo melhor reflete as angústias vividas pelo filósofo nos tempos que se seguiram aos dois grandes conflitos mundiais. O racionalismo crítico, assim, mostra-se como fruto de uma experiência existencial e histórica, marcada pelo ataque aos principais valores humanitários e éticos da sociedade aberta.

Nas linhas seguintes, Popper afirma que o racionalismo é uma “atitude prática ou comportamento” (POPPER, 1974b, p. 232). Ele não diz que se trata de uma teoria ou de um conceito e não o define em termos estritamente lingüísticos. Neste particular, é conveniente lembrar que Popper nunca se deteve em discussões acerca do significado das palavras, considerando tal tarefa desnecessária. Em muitos textos, afirma este seu descaso em relação às discussões meramente lingüísticas, como por exemplo, quando afirma “Nunca discuto sobre palavras” (POPPER, 1994, p. 120) e ainda “Não penso muito em palavras e nomes” (POPPER, 1994, p. 123). Portanto, não podemos esperar de Popper uma “definição” de *racionalismo crítico*. No capítulo 6 de *A Sociedade Aberta e seus inimigos*, contudo, encontramos o filósofo, talvez pela única vez, discutindo a questão do significado de uma palavra (POPPER, 1974a, p. 100-135). Todo o capítulo 6 da *Autobiografia Intelectual* trata da

aversão de Popper em debater o significado das palavras, atitude que tomou para si como princípio (POPPER, 1977, p. 23-24).

O fato de Popper admitir, insistentemente, que o *racionalismo crítico* é, sobretudo, uma *atitude* vai se constituir em um dos elementos fundamentais para sustentar a tese de que na origem do pensamento popperiano encontramos uma base ética. Assim afirma o filósofo:

Podemos então dizer que o racionalismo é uma atitude de disposição a ouvir argumentos críticos e a aprender da experiência. É fundamentalmente uma atitude de admirar que *'eu posso estar errado e vós podeis estar certos, e, por um esforço, poderemos aproximar-nos da verdade'*. É uma atitude que não abandona facilmente a esperança de que por meios tais como a argumentação e a observação cuidadosa se possa alcançar alguma espécie de acordo sobre muitos problemas de importância, e que, mesmo onde as exigências e os interesses se chocam, é muitas vezes possível discutir a respeito das diversas exigências e propostas a alcançar – talvez por arbitramento – um entendimento que, em conseqüência de sua equidade, seja aceitável para a maioria, senão para todos. Em suma, a atitude racionalista, ou, como talvez possa rotulá-la, 'a atitude da razoabilidade', é muito semelhante à atitude científica, à crença de que na busca da verdade precisamos de cooperação e de que, com a ajuda da argumentação, poderemos a tempo atingir algo como a objetividade. (POPPER, 1974b, p. 232).

Este parágrafo é um dos mais importantes para a nossa análise: nele, Popper se refere explicitamente ao *racionalismo crítico* enquanto *atitude*. Pode-se notar que a palavra *atitude* é repetida sete vezes ao longo destas poucas linhas. Repetir tantas vezes um mesmo termo é, para o filósofo, enfatizar o que pretende dizer. Quem está acostumado com os textos de Popper sabe o quanto ele utiliza uma linguagem enxuta e direta, economizando palavras que não são fundamentais e primando pela clareza e por sentenças em sentido direto. Por isso, o fato da repetição do conceito de *atitude* é, sem dúvida, fundamental. Não foi simplesmente um 'descuido' do autor.

Para a compreensão do conceito de base ética do racionalismo crítico, é preciso considerar a importância do fato de Popper admitir com tanta insistência que o racionalismo crítico é muito mais uma atitude do que uma teoria ou um conceito. A nossa hipótese sustenta que Popper partiu de uma determinada postura ética, a qual aplicou à sua própria vida e à sua obra. Tal postura ética não nasceu, simplesmente, como resultado de seus estudos, mas como conseqüência de sua vida, nas condições reais da Viena de seu tempo, antes e depois das duas Guerras. Uma leitura atenta do capítulo 8 da *Autobiografia* pode confirmar tal afirmação (POPPER, 1977, p. 37-45).

Uma nova hermenêutica da filosofia popperiana

Esta forma de entender a filosofia de Popper, colocando a ética como princípio, como base e raiz de todo o seu pensamento, é uma maneira totalmente nova de leitura que se inscreve nos limites de uma *nova hermenêutica* da filosofia popperiana, como sustenta Gabriel Zanotti (ZANOTTI, 1998). Esta *nova hermenêutica* permitirá responder questões como estas: qual é o significado, na filosofia de Popper, da relação estabelecida entre racionalidade e moral? Até que ponto se pode dizer que o filósofo as vincula uma à outra de modo consciente, quer dizer, sabendo das implicações da ética sobre o conceito de racionalidade e vice-versa? Mais ainda, o que representa para a sua filosofia o fato de dizer que o racionalismo crítico tem uma vertente ética? Quais são as conseqüências de admitir que o racionalismo crítico é muito mais uma atitude do que uma teoria?

Estas questões mostram que a relação entre lógica e ética, na filosofia de Popper, não é trivial. Há uma sutileza conceitual que, em nosso entender, influi decisivamente na compreensão do pensamento popperiano. Da compreensão de como racionalidade e ética se relacionam na filosofia popperiana nascem pelo menos duas *interpretações* possíveis do racionalismo crítico. À primeira, vamos denominar *interpretação clássica* e, à segunda, *nova interpretação* ou *nova hermenêutica*. Aquela estabelece uma dicotomia entre a filosofia da ciência e a filosofia social de Popper, mostrando que a ética é um simples desdobramento da epistemologia popperiana. Esta, ao contrário, apresenta originalmente a ética como raiz de todo o pensamento popperiano, tendo surgido, inclusive, antes mesmo da publicação dos primeiros trabalhos de Popper.

Outro aspecto importante a ressaltar, ainda no pequeno trecho citado do capítulo 24 de *A sociedade aberta e seus inimigos*, é a versão que Popper oferece do “dito de Sócrates”, ao qual tantas vezes vai se referir: “Eu posso estar errado e vós podeis estar certos, e, por um esforço, poderemos aproximar-nos da verdade” (POPPER, 1974b, p. 232). Aparecem aí, declaradamente, as duas formas concretas pelas quais a *atitude* do racionalismo crítico pode se manifestar: em primeiro lugar, como *modéstia intelectual* (“eu posso estar errado”) e, em segundo lugar, como *honestidade intelectual* (“por um esforço, poderemos nos aproximar da verdade”). Popper conseguiu conservar, nesta versão, os dois *momentos* do método socrático: a *ironia* pela qual se admite que “eu posso estar errado” – trata-se da parte negativa do método; e a *maiêutica*, pela qual se realiza “um esforço para se aproximar da verdade” – é a parte positiva do método. Por si só, estas linhas evidenciam a raiz ética que se

encontra no racionalismo crítico: mais do que uma descrição do método da ciência e do progresso científico, e mais do que uma simples apresentação crítica de sua visão de sociedade e de política, Popper sugere duas atitudes éticas fundamentais. A modéstia intelectual, de um lado, é o que garante a tolerância e permite o diálogo não violento de quem busca a verdade sem dogmatismos. A honestidade intelectual, por sua vez, impede que o irracionalismo seja admitido como única alternativa à falibilidade da ciência natural e social.

É preciso notar ainda que, no mesmo parágrafo, Popper se refere “à crença” de que a busca da verdade exige empenho e colaboração de todos e de que a argumentação poderá nos conduzir a alguma objetividade. O uso da palavra *crença* parece de fundamental importância para mostrar aquilo que o filósofo tem insistido em dizer: o *racionalismo crítico* é muito mais uma atitude do que uma teoria. Uma teoria exige elementos racionais e estruturas logicamente construídas, a fim de que possa ser aceita ou compreendida. Uma atitude, ao contrário, é menos passível de argumentação lógica, podendo apenas ser sugerida e, se a quisermos adotar, o faremos por acreditar nela. Ao acrescentar o elemento da crença, Popper mostra que se trata de uma *atitude de fé na razão* e esse dado é um dos elementos constituintes da *nova hermenêutica* que nos dedicamos a apresentar aqui. Muitos anos mais tarde, em uma de suas últimas publicações, Popper irá se referir a estas linhas do capítulo 24, ao dizer: “Pois foram uma tentativa de resumir uma parte muito central dos meus artigos morais de fé. À visão que estes resumiam chamo ‘racionalismo crítico’”(POPPER, 1999, p. 15). E continuou: “Nunca encontrei ninguém que houvesse reparado nas duas linhas, as quais, segundo eu pretendia, constituíam o meu credo moral – linhas que, em meu ver, excluirmos a possibilidade de uma interpretação dogmática do racionalismo crítico” (POPPER, 1999, p. 16). Podemos dizer que, nestas linhas, está o princípio básico do *racionalismo crítico* enquanto atitude moral. Por esta razão, Popper as têm em grande consideração:

Pretendi que contivessem, muito resumidamente, uma profissão de fé, expressa com simplicidade, em inglês não filosófico e comum; uma fé na paz, na humanidade, na tolerância, na modéstia, na tentativa de tentar aprender com os próprios erros; e nas possibilidades da discussão crítica. Era um apelo à razão; um apelo que, esperava eu, falasse por todas as páginas daquele extenso livro. (POPPER, 1999, p. 16).

Uma atitude assim tão valorizada não poderia ter nascido de uma simples abstração, mas, ao contrário, deveria ser fruto de uma *experiência* profunda e marcante. E assim o foi: Popper relata o episódio da seguinte maneira:

Talvez tenha interesse revelar que devo a idéia da elaboração dessas linhas a um jovem da Caríntia, membro do Partido Nacional Socialista, que não era nem soldado nem polícia, mas que usava um uniforme do partido e andava armado. Não deverá ter sido muito antes do ano de 1933 – ano em que Hitler subiu ao poder na Alemanha – que este jovem me disse: ‘O quê, quer discutir? Eu não discuto, disparo!’ Pode ter sido ele a plantar a semente do meu *Open Society*. (POPPER, 1999, p. 16).

Como dissemos, as teorias são aceitas por força da argumentação, enquanto as atitudes são adotadas por força da crença. Nesse breve episódio, descrito por Popper, pode-se perceber claramente o que isso significa.

A intenção principal deste breve artigo é despertar a atenção dos estudiosos da filosofia de popperiana para perceberem que, no interior dessa filosofia, em sua raiz, encontra-se uma ‘base ética’, ou seja, uma determinada ‘postura’ ou ‘atitude’ frente à vida, à sociedade e também à ciência. Além disso, que possam perceber que o racionalismo crítico não está apenas construído sobre esta base, mas que ele se identifica com ela.

Nossa intenção é mostrar, portanto, que aquilo que Popper compreende por racionalismo crítico constitui o ‘núcleo fundamental’ do seu pensamento, a parte ‘inegociável’ de sua filosofia, o ‘cristal’ que não se pode alterar, a porção ‘irreduzível’ de sua obra.

Embora os mais importantes textos popperianos estejam concentrados na filosofia da ciência e na filosofia política, o que o filósofo denominou racionalismo crítico é algo que transcende estes limites teóricos. Isso não significa que o racionalismo crítico possa ser aplicado ou não a outros campos do saber e, mesmo que isto seja possível, não é neste sentido que aqui se fala de certa transcendência em relação à epistemologia e às concepções políticas popperianas¹. Epistemologia e teoria social são os temas que mais vão lhe ocupar durante a longa vida de intenso trabalho intelectual. Nas principais páginas de seus trabalhos, o racionalismo crítico vai aparecer, enquanto *base ética*, como o pano de fundo, como o norte de sua reflexão. Esta é a tese que fundamenta a *nova hermenêutica* popperiana, para retomar a expressão de Zanotti. Assim, parece que compreender a filosofia de Popper nesta perspectiva constitui uma nova forma de ler a sua obra.

Uma leitura rápida dos textos de Popper poderá mostrar que, seguindo a ordem cronológica das publicações, a referência a esta base ética vai se tornando aos poucos cada

¹ Alguns crêem (erroneamente, em nossa opinião) que “o que define o trabalho de POPPER é a idéia de que se possa projetar argumentos a propósito da natureza do conhecimento científico para outros campos do saber e da criação”. Cf. NEIVA, 1999, p. 13. Neste caso, a filosofia política de POPPER e sua ética não passariam de aplicações de sua filosofia do conhecimento. Essa forma de compreender o pensamento de POPPER refuta a tese de que, em sua filosofia, há uma base ética.

vez mais explícita. Isso é ainda mais evidente se forem comparadas, por exemplo, *A Lógica da Pesquisa Científica* (POPPER, 1974c) e *A vida é aprendizagem* (POPPER, 2001). A referência a estas duas publicações não é, neste momento, meramente ilustrativa, pois apresenta dois aspectos a serem considerados: o primeiro é, justamente, a sua localização cronológica pela qual se pode dizer, grosso modo, que se trata da primeira e da última publicação do filósofo; o segundo aspecto é a temática geral dos textos: enquanto na publicação na *Lógica* a perspectiva do autor é declaradamente epistemológica, embora algumas passagens denotem as intenções éticas do autor, no último texto, cujo prefácio é escrito nos últimos meses de vida Popper, exatamente sessenta anos depois daquele primeiro texto, o enfoque é epistemológico, político e histórico, e a referência aos seus princípios éticos é feita sem nenhum sombreamento. Esse fato pode parecer mera questão de opção do autor ou, em relação ao segundo texto, dos colaboradores que fizeram a reunião dos artigos, em vista de uma ‘apresentação geral’ dos seus grandes temas. Mas, isto pode também nos permitir compreender que na filosofia de Popper existe uma *unidade fundamental* que é garantida por aquilo que aqui se denomina a *base ética* do racionalismo crítico.

O fato de Popper ser mais explícito em suas últimas obras no que respeita à apresentação do racionalismo crítico como a base ética de seu pensamento deve-se a, pelo menos, dois fatores: o primeiro, talvez mais evidente, é o grau de maturidade do autor, resultado da longa experiência de vida e dos traços próprios de sua personalidade, como se pode notar na análise detalhada de sua *Autobiografia Intelectual*; o segundo fator, mais sutil, refere-se à coerência interna da própria obra popperiana em relação às decisões tomadas pelo filósofo de evitar que seu racionalismo crítico fosse compreendido como o pancriticismo de seu discípulo e colaborador Willian Bartley, como demonstra, em seu bem documentado estudo, o Professor Mariano Artigas (ARTIGAS, 1998). O que pode parecer, à primeira vista, uma simples diferença conceitual, é, como demonstra Artigas, algo que poderia definir radicalmente os rumos do racionalismo crítico. Em suma, o que Bartley queria com seu pancriticismo era a possibilidade de o próprio racionalismo crítico ser exposto à crítica. Mas, Popper queria preservar, justamente, o núcleo de seu pensamento, isto é, sua fé irracional na razão, pela qual a crítica é possível e, ao mesmo tempo, nenhuma forma de totalitarismo ofusca as luzes da racionalidade.

Considerações finais

Para concluir, pode-se afirmar que a leitura renovada da obra popperiana, à luz do conceito de *base ética*, pode ser um instrumento útil para mostrar que: i) o racionalismo crítico é, em síntese, a melhor expressão do pensamento de Popper; ii) o racionalismo crítico não é uma teoria, mas uma atitude que se configura em uma ética; iii) esta ética perpassa todos os pontos da filosofia popperiana, dando unidade ao seu pensamento; iv) a concepção ética de Popper é anterior às suas concepções acerca da ciência, da política e da história; v) a ética popperiana condiciona o desenvolvimento de suas idéias em todos os campos alcançados por sua reflexão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARTIGAS, Mariano. **Lógica y Ética en Karl Popper**. Pamplona: Ed. Univ. de Navarra, 1998.

NEIVA, Eduardo. **O Racionalismo crítico de Popper**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1999.

POPPER, Karl. **A sociedade aberta e seus inimigos**. São Paulo/Belo Horizonte: Edusp/Itatiaia, 1974a (vol. I) e 1974b (vol. II).

POPPER, Karl. **A lógica da pesquisa científica**. São Paulo: Cultrix, 1974c.

POPPER, Karl. **Autobiografia intelectual**. São Paulo: Cultrix, 1977.

POPPER, Karl. **En busca de un mundo mejor**. Barcelona: Paidós, 1994.

POPPER, Karl. **O mito do contexto**. Lisboa: Edições 70, 1999.

POPPER, Karl. **A vida é aprendizagem**. Lisboa: Edições 70, 2001.

ZANOTTI, Gabriel. Lógica y Ética en Karl Popper. **Revista Arbor**, novembro de 1998.